

Entrevista: O movimento operário organizado e não-organizado no levante de Belarus

FONTE: [R21](#) | 01/09/2020 | TRADUÇÃO: Charles Rosa

Siarhei Biareishyk fala com Nick Evans sobre o levante em Belarus após a reeleição fraudada de Aliaksandr Lukashenko em 9 de agosto de 2020. Siarhei explica que os comitês de greve e as organizações construídas no vazio deixado pela resposta do governo à Covid-19 estão no coração do movimento para derrubar o regime de Lukashenko, e merecem toda a solidariedade que puderem obter.

rs21: O que levou à evaporação de grande parte do apoio popular de Lukashenko na preparação para a eleição presidencial?

Siarhei Biareishyk: A perda de apoio popular para Lukashenka é sobredeterminada. Certamente, a piora das condições econômicas desempenhou um papel fundamental nisso. Mas também existem vários outros fatores. Para dar um exemplo de como as autoridades trataram os trabalhadores e as pessoas comuns, podemos pegar a ‘lei de parasitas’, aprovada em 2015. Modelada em uma lei soviética semelhante que proíbe o desemprego, a recentemente aprovada “lei dos parasitas” criminaliza o desemprego, punindo-o com certos impostos ou revogação de certas substâncias ou serviços comunitários. Efetivamente, a política de Lukashenko era que todos deveriam ter um emprego, mas isso significava forçar as pessoas a trabalhar em condições de emprego absolutamente insatisfatórias. É uma forma coercitiva de extrair mais-valor sob a forma de política neo-soviética. Essa lei encontrou grande resistência entre

setores da população que geralmente apoiavam Lukashenka, especialmente em regiões onde o emprego é menor do que na capital, Minsk.

Uma reforma previdenciária baseada nas reformas neoliberais do Ocidente também foi impopular. Assim, enquanto o regime de Lukashenko se autodenomina protossocialista, ao mesmo tempo promulga políticas em que a população é tratada com desprezo pelas autoridades. Todos esses fatores – e estes são apenas alguns exemplos entre outros – desempenharam um papel na perda do eleitorado de Lukashenko. A resposta da Covid-19 é mais um exemplo recente do desprezo flagrante de Lukashenko por seu povo.

rs21: O que permitiu que o apoio se cristalizasse em torno da oposição nesta ocasião, ao contrário dos ciclos anteriores?

SB: Uma grande diferença: pela primeira vez desde o início do regime de Lukashenko há 26 anos, a principal oposição não se coloriu em tons nacionalistas. Desde a época da usurpação do poder governamental por Lukashenko na década de 1990, a oposição, nascida dos protestos do final dos anos 1980 e 1990, tem sido em grande parte de natureza nacionalista. Agora, a campanha da oposição não tem nada a ver com esse passado. Pela primeira vez, sua posição não é inteiramente pró-Rússia ou oposta à Rússia, e não é totalmente pró-europeia.

Um certo número de contingências também levou à unificação da oposição, ao passo que em anos anteriores as forças da oposição repetidamente falharam em apresentar uma frente única. Desta vez, quando Lukashenko prendeu os dois principais candidatos (Viktar Babaryka e Siarhei Tsikhanouski) e o terceiro (Valery Tsapkala) deixou o país, para criar uma fachada de democracia e quase por acidente, eles registraram oficialmente Sviatlana Tsikhanouskaia, que é a esposa de um dos políticos presos e não de um político. Ela se tornou uma figura em torno da qual todas as outras forças de oposição se uniram; assim, a oposição foi liderada por três mulheres:

Maryia Kalesnikava (chefe da campanha de Babaryka), que permanece em Belarus, e Veranika Tsapkala (esposa de Valery Tsapkala), que, como Tsikhanouskaia, teve que deixar o país. Todas as três se revelaram líderes carismáticas: elas viajaram para regiões de todo o país e isso foi importante para as pessoas, e agora muitas pessoas nas cidades menores saem e expressam solidariedade, e isso é sem precedentes.

Finalmente, a principal exigência da oposição é simplesmente fazer uma nova eleição. Esta é a demanda mais popular possível. Então, acho que esses fatores desempenharam um papel.

rs21: Você pode falar mais sobre a composição da oposição? Quanto tempo você acha que isso tudo pode manter essa coalizão unida?

SB: Essa é uma pergunta que também se relaciona com a forma que os protestos tomaram. Os protestos foram em grande parte pacíficos e as demandas são três: libertação de presos políticos, demissão de Lukashenko e novas eleições. Essas são demandas bastante gerais. Eles tiveram muito sucesso na mobilização de um grande número de pessoas com visões políticas absolutamente heterogêneas. A questão é: eles ainda têm sucesso em montar uma resistência efetiva em face do aparato repressivo do governo? Após a onda inicial de terror, a estratégia do atual governo é esperar e alvejar ativistas, líderes de comitês de greve e dissidentes em outras posições de liderança. A questão sobre quanto tempo pode durar depende de como as estratégias de cada lado mudarão, porque a situação é inerentemente dinâmica.

Podemos argumentar que agora é a hora de fazer demandas políticas ou tomar uma ação mais direta, mas os manifestantes têm insistido em não fazê-lo. É uma situação tensa e o governo também pode cometer erros. Por exemplo, desde 25 de agosto, a polícia começou a voltar às cidades e a fazer cada vez mais prisões. Isso será recebido com uma repreensão firme da

população e uma mudança na estratégia dos manifestantes? Para dar um exemplo, a oposição formou um 'Conselho de Coordenação' para a transferência do poder, que inicialmente incluía dezenas de cidadãos proeminentes (agora muitos mais), e que é chefiado por cinco pessoas, que deixaram claro que não têm programa. Todo o comitê foi considerado criminoso por Lukashenko e seus membros convocados para investigação; dois membros da liderança foram presos e condenados por 10 dias: um dos representantes de Tsikhanouskaia, que atualmente está na Lituânia, e o outro é chefe de um comitê de greve da Minsk Tractor Works. Em resposta, as três lideranças restantes pediram que todos os cidadãos comuns se juntassem oficialmente ao comitê, milhares de pessoas – com a ideia de alertar às autoridades: vocês não podem convocar todos para a investigação criminal.

Portanto, talvez seja possível reformular a questão: não quanto tempo isso vai durar, mas que tipo de tensões existem e como estão se desenvolvendo, porque a situação por definição não pode ser estática e obviamente a Rússia é outra força em jogo.

rs21: Para nos ajudar a entender essas tensões, você pode falar sobre o desenvolvimento da relação entre os protestos de rua e o movimento operário organizado?

SB: Deixe-me apresentar um fato empírico. A eleição foi seguida por três dias de terror policial – e agora sabemos que eles não estavam apenas travando a guerra, mas cometendo crimes de guerra: torturavam pessoas na prisão, espancavam gente nas ruas, assassinavam; em suma, eles prenderam mais de 7.000 pessoas e algumas ainda estão desaparecidas.

Esses crimes não podem e não serão perdoados. Seguiram ações de solidariedade, principalmente por mulheres que formaram cadeias humanas nas cidades. No dia 13 de agosto, o passo decisivo para isso foi a marcha dos trabalhadores das principais fábricas. Acho que esse foi o ponto em que a

polícia teve que deter o terror. Isso foi decisivo.

O que se seguiu foi interessante, porque houve um vago apelo à greve dos líderes da oposição, mas apenas a greves nas organizações governamentais. Não, por exemplo, no setor de TI, que é bastante forte em Belarus, muitos de cujos líderes falaram em apoio aos protestos.

O setor de TI disse que as greves não pressionariam o governo; agora, eles estão discutindo realocações maciças dessas empresas – elas precisam continuar gerando lucros. Portanto, houve um grande investimento de esperança nos trabalhadores. Em qualquer caso, a ação dos trabalhadores em combinação com ações de solidariedade foi eficaz, parou o terror – se será eficaz a longo prazo, veremos, e isso nos leva à questão de como é o movimento operário organizado em Belarus.

rs21: Então você pode nos contar mais sobre como é o movimento operário organizado em Belarus? Quais são as formas de organização sindical, ou organização de base?

SB: O modelo bielorrusso é único porque na década de 1990, ao contrário de outros países pós-soviéticos, não houve uma grande onda de privatizações. Assim, muitas fábricas foram mantidas, e esta é uma pré-condição hoje para a eficácia da resistência dos operários na luta geral.

Por outro lado, dificilmente se pode falar de movimento operário organizado em Belarus; pode-se falar em movimento operário não-organizado em Belarus porque o código de trabalho do país é realmente muito ruim para os trabalhadores. Cerca de 90% trabalham com contratos temporários, o que significa que podem ser demitidos em curto prazo e sem indenização. Isso já começou a acontecer: ativistas em fábricas em toda a Bielo-Rússia estão perdendo seus empregos como resultado de ações políticas.

Além disso, qualquer paralisação do trabalho devido a ação ou demanda política é ilegal; as greves com base em demandas

econômicas são teoricamente possíveis, mas existem tantas estipulações no código penal para que sejam legais, que são praticamente inatingíveis. Os sindicatos não oferecem nenhuma proteção contra isso; trabalhadores de fábrica são, portanto, atomizados. Com efeito, a lei está estruturada de forma a impedir qualquer ação coletiva dos trabalhadores.

O código de trabalho talvez seja mais bem ilustrado pela própria atitude de Lukashenko em relação aos trabalhadores em greve. Ameaçou substituir os trabalhadores que se recusam a obedecer, ou mesmo fechar as fábricas: 'Se não quer trabalhar, já não é trabalhador'. Os trabalhadores não são percebidos como uma classe ou um sujeito coletivo, mas sim como uma condição para a criação de valor, como apontou Ilya Budraitskis. E se você não está mais criando valor, não é mais um trabalhador. Lukashenko disse: 'Vou fechar as fábricas: se você não quer trabalhar, não trabalhe.' Então, isso apenas mostra a atitude em relação ao movimento operário organizado. O sistema é paternalista, onde o governo centralizado decidirá quem recebe o quê, ao invés de um governo baseado em algum tipo de auto-organização do trabalho.

rs21: Houve tentativas de formar sindicatos independentes?

SB: Aqui e ali, mas é quase impossível fazer isso sob as leis bielorrussas. Agora, nas últimas duas semanas, houve um desenvolvimento da organização de base entre os trabalhadores. Os comitês marcantes estão surgindo. Essas são novas organizações fora dos sindicatos oficiais, e agora existe um comitê nacional de greve, que está arrecadando dinheiro para aqueles que perderam seus empregos. Eles ainda estão sem recursos para o funcionamento do dia-a-dia. Esta é uma nova forma de organização de trabalhadores de base que não vimos antes na Bielorrússia e não se baseia em sindicatos.

rs21: Existem dimensões regionais para essas novas formas de ação popular?

SB: Sim: o que você testemunhou em cidades menores teria sido difícil de imaginar apenas três semanas atrás. Existem cidades industriais, por exemplo, Polatsk e Navapolatsk, ou Salihorsk ou Zhodzina, onde têm uma grande fábrica. Nessas cidades, os trabalhadores saem para a praça central e participam da democracia direta. Eles dizem às autoridades: 'Venha até nós agora, e vamos questioná-los'. Existem vídeos de pessoas dizendo apenas: 'Como é que em nossa cidade Lukashenko recebeu 80% dos votos?' Então eles perguntam a todos que votaram em Lukashenka e apenas a elite e os diretores das fábricas levantam as mãos. E eles perguntam quem votou em Tsikhanouskaia e todos levantam a mão. Então existe esse tipo de responsabilização que está sendo exigida nas regiões das autoridades locais, e isso é importante.

Esses protestos em cidades menores são importantes por dois motivos: muitas dessas regiões tradicionalmente apoiam Lukashenko; e ainda mais significativo, pessoas que geralmente foram consideradas como pertencentes a um eleitorado "apolítico" estão emergindo como atores políticos.

rs21: Isso nos traz de volta à questão de se você vê alguma tensão se desenvolvendo entre essas novas bases e os candidatos da oposição?

SB: Até agora, os comitês de greve não formularam demandas econômicas. Em vez disso, eles mantiveram as três demandas políticas básicas. Agora posso me permitir especular um pouco, ou pelo menos analisar a situação. Acho que pela primeira vez, em Balarus, os trabalhadores estão se tornando sujeitos políticos, o que significa que pela primeira vez eles se percebem como atores políticos. O que sabemos é que certos modelos econômicos nos quais Tsikhonouskaia e outros fizeram campanha foram em grande parte as conhecidas políticas de terapia de choque e privatização. Sabemos que os trabalhadores dessas fábricas se opuseram a isso. Agora, esses trabalhadores estão entrando em cena como atores políticos e exigem que os representantes dos novos comitês de greve sejam incluídos no

“Conselho de Coordenação” para a transição do poder, quando há apenas duas semanas ninguém os teria consultado.

Neste momento a oposição está tentando unir todas essas vozes heterogêneas, e se os comitês da greve acabarem entrando como atores políticos em cena, e se tiverem algum mandato representativo, há esperança de que não sejam apenas incorporados no agenda neoliberal dos candidatos primários da oposição. Ao entrar em cena da maneira que entraram, para deter o terror, eles se tornaram os principais atores, senão os heróis, da resistência e, portanto, isso deve ser levado em consideração.

Portanto, há um potencial político aqui. Vejo aqui a possibilidade de desdobramentos democráticos no bloco oriental que não se enquadrem nos esquemas anteriores, um caminho que seria inédito. Mas isso é até agora especulação e análise; afinal, a polícia – que persegue os ativistas e obstrui todos os esforços organizacionais – aliada à extrema precariedade dos trabalhadores tem conseguido conter a disseminação massiva de greves, pelo menos por enquanto. No entanto, penso em parte que é inevitável que os candidatos da oposição não possam mais apenas empurrar a agenda econômica que eles queriam, porque eles reconheceram quem os salvou, ou quem irá salvá-los, para que esta mesma força política recém-formada no tempo se volte contra eles.

rs21: As comparações com o Maidan 2013/14 na Ucrânia são inevitáveis, mas parece que você está sugerindo que as condições pré-existentes e a estrutura da economia bielorrussa, bem como a sequência de eventos nas últimas semanas, significa que estamos vendo algo muito diferente aqui?

SB: Acho que é útil traçar uma linha de demarcação entre Maidan e outras ‘revoluções coloridas’, e o que está acontecendo em Belarus. É muito fácil projetar modelos anteriores, e a oposição anterior sempre se baseou em algo

como revoluções coloridas. Hoje, existem grandes diferenças tanto em nível material quanto ideológico. Por exemplo, há uma insistência generalizada em não se voltar para o nacionalismo, o que não foi o que aconteceu durante o Maidan.

Na Ucrânia, evidentemente, já existia uma divisão na sociedade entre o leste e o oeste, o que, aliás, permitiu a intervenção russa, e em Belarus não é esse o caso. No nível material, as greves nas fábricas não foram uma dimensão significativa da luta nas revoluções coloridas, ao passo que, como expliquei, estão emergindo como um fator-chave na revolta atual.

Na verdade, é o regime que tenta forçar a comparação entre Maidan e o levante atual. Maidan tem sido uma espécie de palavra-chave para as autoridades governamentais na Bielo-Rússia. Nos primeiros dias, eles tentaram legitimar o resultado da eleição, mas agora, eles não tentam mais legitimá-lo e simplesmente dizem: 'Não queremos Maidan, não queremos guerra civil, e se trocarmos Lukashenko lá será uma guerra civil.' "Através da mídia oficial, eles espalham a mentira de que os manifestantes são nacionalistas ou que a língua russa pode ser proibida (há duas línguas oficiais, o bielorrusso e o russo).

Pelo contrário, o que é importante notar é que os esforços coletivos da sociedade civil em ações de solidariedade ou de ajuda mútua, de greves e outras organizações, não são tingidos de nacionalismo. Na verdade, o abandono do antigo apego nacionalista pela oposição é a condição central da eficácia da resistência popular em Belarus.

rs21: Como o movimento tentará manter sua independência da Rússia ou da UE?

SB: A Rússia é o elefante na sala. Receio que possa ser o caso de a Rússia desempenhar um papel importante em toda a história. A economia bielorrussa em seu estado atual é estruturalmente dependente da Rússia. O país não está bem, mas

está razoavelmente bem em comparação com seus vizinhos na esfera pós-soviética, e isso se deve a uma dependência estrutural da Rússia, do petróleo e de outros subsídios. Você não pode desfazer isso.

Tenho a impressão de que a Rússia não quer mais Lukashenko. Houve uma mudança nos últimos dias. Muitos trabalhadores da TV estatal, importante aparato ideológico do Estado, começaram a fazer greve. Eles recusaram as instruções de não relatar os protestos. O que aconteceu então é que começaram a importar trabalhadores russos. Às vezes parece muito cômico, porque os trabalhadores russos da TV não entendem muito bem a situação em Belarus – eles costumam usar as ferramentas que usavam na Ucrânia e é muito visível, e as pessoas estão transformando isso em memes.

É ridículo, mas também é evidente que Lukashenko está pedindo ajuda à Rússia. Antes da campanha, Lukashenko mantinha relações muito antagônicas com a Rússia. Ele até fez uma manobra onde “pegou” alguns espiões russos na fronteira e fez um grande alarido para aumentar o sentimento nacionalista a seu favor. Mas agora, evidentemente, ele está voltando para eles, e a Rússia o está ajudando, então ele deve estar prometendo muito a eles.

Agora, como resistir a isso? Tem havido uma posição absolutamente hegemônica nos protestos, da elite de TI, dos trabalhadores e dos cidadãos comuns, que não queremos nem o Ocidente nem a Rússia. Na verdade, quando começaram a chegar doações para o fundo de greve, os trabalhadores ficaram muito relutantes. Eles disseram que não queremos ser vistos como se estivéssemos sendo pagos pelo Ocidente. Portanto, existe esse tipo de reconhecimento de dois males.

Eu acho que qualquer tipo de intervenção ou ocupação do exército pela Rússia não será tolerada e terá resistência; se haverá algum tipo de intervenção mais subterrânea é outra questão. Portanto, esta é outra diferença de Maidan. Se a

Rússia decidir trazer seu exército, será completamente desastroso para eles, eu acho. O sentimento popular é que não vamos nos vender para a Rússia ou para o Ocidente. O que isso significará em termos de política vai acontecer nos próximos meses, mas essa visão permanece hegemônica até agora.

rs21: Você mencionou iniciativas de base na sociedade civil. Como você vê isso moldando os protestos?

SB: Isso é absolutamente crítico. Deixe-me dar o exemplo da Covid para ilustrar isso. Como você sabe, Lukashenko, assim como os presidentes dos EUA e do Brasil – os três compartilham muitos traços de caráter, na verdade – se recusou a acreditar que a Covid seja uma ameaça real. Ele brincou dizendo que você pode apenas tratá-lo com vodka, ou o que seja. Eles fabricaram as estatísticas, enquanto os trabalhadores da saúde estavam sob grande estresse, o que era uma afronta ao seu trabalho. O que aconteceu então foi que a sociedade civil arrecadou dinheiro para os trabalhadores da saúde, eles arrecadaram equipamento médico.

Eles criaram redes de base, que entregavam alimentos, água, EPI e assim por diante. Portanto, esse tipo de rede tem surgido devido a uma total desconfiança das autoridades. Essa incompetência de longa data das autoridades anda de mãos dadas com uma nova geração que faz coisas para si mesma coletivamente.

Outra iniciativa, por exemplo, é chamada de Pessoas Honestas. Eles criaram uma rede de milhares de observadores independentes para a eleição. No final das contas, eles foram banidos dos sites de votação, mas a rede ainda existe, e agora eles estão usando essa mesma rede para arrecadar fundos para as pessoas que perderam seus empregos por causa da repressão política: eles estão postando seus perfis online, procurando empregadores privados para dar-lhes até empregos temporários ou outras qualificações, etc.

Então essas redes estão se formando a partir da desconfiança no governo e encabeçadas por jovens que nunca confiaram em nenhum tipo de liderança, porque todos os líderes os traíram, sejam os líderes da oposição ou o governo.

rs21: Há lições que podemos aprender com as novas formas de protesto emergentes em Belarus?

SB: Talvez seja muito cedo para falar sobre as lições que podemos aprender em termos das formas prescritivas de protesto. Lições positivas e negativas em termos de estratégia e organização são aprendidas diariamente. Além disso, pode haver certos tipos de lição que podemos aprender em termos de análise de como surge uma situação pré-revolucionária. O que podemos observar é que a criação de redes que não são em si políticas de conteúdo, em um momento revolucionário se tornam políticas por sua mera existência porque funcionam fora do regime. Há também uma certa dialética que mostra as novas possibilidades do republicanismo a partir do autoritarismo, que é excluído nas democracias liberais com forte histórico institucional. Com isso quero dizer: o autoritarismo de longo prazo criou inadvertidamente comunidades de ajuda mútua para sobreviver no regime repressivo; agora essas comunidades estão tomando a iniciativa de reconstruir o país para além do aparato da democracia representativa. O que ouço de amigos repetidamente é que este país tem que ser 'construído por nós, ninguém vai fazer isso por nós', e como fazer isso deve ser inventado. Assim como eles próprios tiveram que responder à emergência de Covid, as pessoas se percebem como atores ativos na reestruturação de suas comunidades, sua república (literalmente "coisa pública", res publica em latim), além do aparato representativo que lhes falhou.

Os protestos são extremamente heterogêneos na forma, e isso tem implicações interessantes para a pressão que pode ser aplicada. Eles estão bem dispersos, miniprotestos, por assim dizer. Um dia, por exemplo, os professores marcharam. No dia seguinte, eram os trabalhadores da Academia de Ciências,

depois os médicos. Eles estão saindo de seus locais de trabalho e comunidades individuais e fazendo demandas diretas a seus chefes, que apoiaram Lukashenko.

Outra nova estratégia, e vamos aprender se as lições são positivas ou negativas, é o tipo de exigência paradoxal, especialmente do campo de Viktor Babaryka, de que faremos tudo de acordo com a lei. Usaremos a lei. Por que isso é paradoxal? É porque o governo desrespeita totalmente a lei, mas finge ser um país regido por lei. Então, eles começaram a fazer tudo de acordo com as leis bielorrussas como forma de expor e oprimir a burocracia no comando do regime de Lukashenko. Por exemplo, eles organizaram uma ação gigantesca quando os candidatos foram impedidos de se inscrever para as eleições presidenciais: inundaram as autoridades com queixas jurídicas individuais. Foi uma atuação, eu diria: claro que suas demandas não seriam atendidas, mas houve essa atuação do exercício coletivo do direito, com centenas de pessoas, enfileiradas para entregar esses recursos.

Em 27 de agosto, centenas de pessoas coletaram assinaturas para destituir seus representantes eleitos no parlamento. Novamente, como uma performance, eles entregaram essas assinaturas. Por que, novamente, isso é paradoxal? Porque os próprios funcionários que os apelos deveriam destituir por meio de demandas democráticas não podem ser considerados democraticamente eleitos: o parlamento tem sido um órgão pro forma leal ao presidente por duas décadas, e mesmo os ativistas dificilmente sabem quem são seus “eleitos” (isto é, nomeados) oficiais são. Agora eles estão sendo chamados de volta e obrigados a falar em público para justificar suas ações e posições.

Essa tendência passou, para o bem ou para o mal, aos protestos – obedeça a lei a todo custo, mesmo nos protestos. Então, uma das táticas ou tendências tem sido que os manifestantes limpem depois de si mesmos. Eles cantam: ‘Nós limpamos nós mesmos’, e eles vão e limpam as ruas, após o protesto, durante o

protesto. Pessoas com carros vêm e pegam o lixo, usando as redes emergentes mencionadas anteriormente.

Agora veremos com o tempo se acabaremos tirando disso uma espécie de lição negativa. Por que eu digo negativo? Porque talvez haja necessidade de outras expressões de poder. Uma coisa é expor o absurdo do aparelho numa situação pré-revolucionária, outra é agarrar o poder no momento revolucionário. Até agora, uma tática tem sido a mera presença da população nas ruas. Então as pessoas simplesmente saem, vão na loja, ficam paradas na rua, sem gritar, sem sinais. A mera presença da população, que de outra forma não estaria nas ruas, tem sido uma espécie de protesto. No entanto, desde que a polícia encorajada voltou às ruas em 27 de agosto, os manifestantes estão se permitindo ser presos sem resistência, às dezenas, mostrando plena fé em “seguir a lei”.

Mas as regras do jogo mudaram. Agora é uma questão de revolução, não é mais uma questão de transferência de poder, porque o que vemos é uma usurpação do poder por um regime ilegítimo, um golpe, uma junta, então você precisa de uma revolução. Os termos mudaram um pouco – a questão é: as estratégias também precisam mudar? Uma revolução já significa algo ilegal; significa uma traição bem-sucedida. Até agora, essa estratégia de ‘seguir a lei’ tem obtido sucesso na mobilização de um grande número de pessoas, mas será o suficiente no longo prazo? Nós teremos que ver. A insistência nesta estratégia fará com que seja uma luta prolongada. A falta de liderança é uma espécie de pré-condição dos protestos, mas a falta de demandas políticas, além das três principais demandas abstratas, pode vir a ser uma lição negativa, afinal.

rs21: Você disse que os trabalhadores expressaram cautela quanto às doações para fundos de greve, mas que formas de solidariedade internacional poderiam ser úteis?

SB: Uma coisa que eu gostaria de dizer é que quase não houve

nenhuma expressão de solidariedade da esquerda. Isso não passou despercebido, e acho que é um erro – habilita forças adversárias em uma situação que é bastante incerta. Portanto, as declarações de solidariedade seriam significativas, e essas declarações de solidariedade devem incluir precisamente a insistência na não intervenção, por um lado, e a insistência na possibilidade de democracia sem reformas neoliberais, por outro. Em contraste, houve uma carta co-assinada por Partidos Comunistas de todo o bloco pós-soviético, em solidariedade a Lukashenko, em tom muito stalinista. Portanto, acho que seria útil para as forças de esquerda independentes, que já estão enfraquecidas, em Belarus ouvir a solidariedade da esquerda que recusa o impulso stalinista.

Acho que, no entanto, as doações para fundos de greve serão importantes, especialmente para as operações diárias. Mais e mais pessoas estão sendo demitidas e perseguidas e precisarão de ajuda. Ajudaria se as doações fossem feitas especificamente para obter fundos ou iniciativas específicas da sociedade civil, ao invés de algum tipo de arrecadação de fundos abstrata ou pacote monetário da UE.

Por fim, deve haver expressões de solidariedade com a sociedade civil, com atenção às novas redes que estão se formando. Muitas vezes, isso é invisível porque a grande mídia apenas mostra imagens dos protestos em massa com a bandeira branca-vermelha-branca vermelha. Mas são esses atores que são eficazes em uma escala menor e estão praticando a democracia no terreno, além das estruturas oficiais de representação legislativa. Juntamente com os trabalhadores em greve, são essas organizações de base que serão cruciais para que o desastre seja evitado, para que o impulso democrático seja mantido no longo prazo.

No geral, apesar dos lampejos de esperança e de formas sem precedentes de expressão de solidariedade, minha avaliação não é otimista. É muito difícil imaginar que a Rússia deixará um ditador ser removido por meio de um protesto pacífico através

da fronteira, e é difícil imaginar que as políticas neoliberais das principais campanhas da oposição não sejam exploradas pela UE, caso vençam de alguma forma . No entanto, as novas formas de organização, as iniciativas na sociedade civil, os comitês de greve emergentes – tudo isso oferece um motivo de esperança e um objeto de estudo. A solidariedade específica com esses grupos, ao invés de protestos em grande escala em abstrato, seria útil e significaria muito para eles.

Siarhei Biareishyk é professor assistente visitante na Universidade da Pensilvânia.